

# Brasil

politica@jb.com.br

## FH quer relatório sobre violência

Porto Seguro, BA - Gilberto Alvez

### Presidente pede levantamento dos confrontos na festa do Descobrimento

SONIA CARNEIRO

PORTO SEGURO, BA - O presidente Fernando Henrique Cardoso vai pedir ao ministro da Justiça, José Gregori, e ao chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, um levantamento sobre os confrontos entre policiais e manifestantes durante as comemorações dos 500 anos de Descobrimento do Brasil, em Porto Seguro. Fernando Henrique quer saber se houve excesso do esquema montado, em conjunto, pelo Ministério da Defesa, governo da Bahia e Gabinete de Segurança Institucional.

Ontem, Gregori já havia mandado apurar as "desavenças entre um índio e um militante do movimento negro", como qualificou. "O índio defendia o encontro com o presidente Fernando Henrique e ficou ferido. Se houve alguma transgressão aos direitos humanos na festa é nosso papel apurar", informou o ministro.

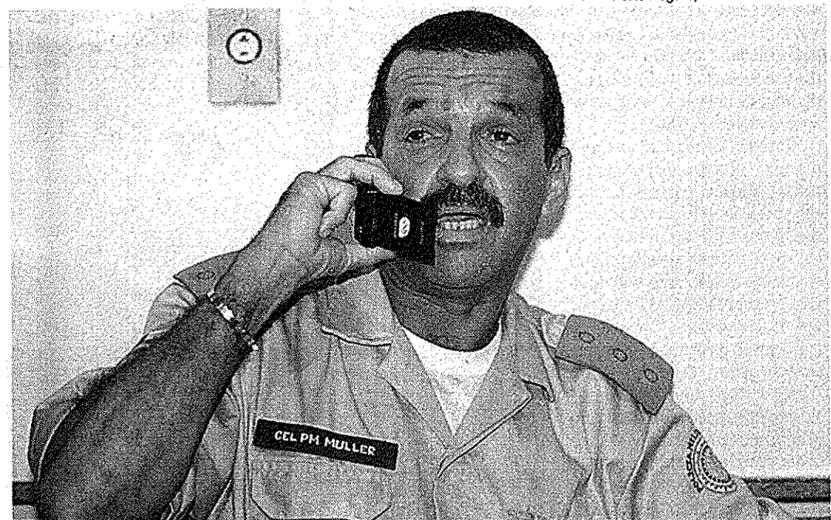
Já o chefe de Segurança Institucional da Presidência da República, general Alberto Cardoso, sabia, segundo o governo da Bahia, da operação que culminou com a prisão de 150 participantes da Marcha dos Excluídos, além de feridos, e do bloqueio nas estradas até Porto Seguro para evitar que militantes do MST chegassem ao local da festa dos 500 anos.

O coronel Cristovão Rios, chefe da Casa Militar do governador César Borges, garantiu que "tudo foi feito com o conhecimento e a aquiescência do general Cardoso". O governador César Borges também estava irritado com as denúncias contra a violência da PM baiana, e lembrou que a operação era conjunta com a Presidência da República. Já o

Ministério da Defesa informou que a participação ficou limitada à coordenação do planejamento da operação, pedida pelo Palácio do Planalto em documento oficial enviado em março. O Estado-Maior da Defesa ficou encarregado de montar a estratégia de atuação das Forças Armadas. Porém, os militares garantem que o único efetivo policial utilizado foram os homens da PM baiana.

O presidente Fernando Henrique estava irritado com a manipulação política contra a festa dos 500 anos. O presidente queixou-se a assessores de que recebeu no Palácio do Planalto todos os caciques, inclusive os Pataxós, e que eles recusaram seu convite. "Recusaram por manipulação política de última hora. Os caciques estavam convidados para vir ao hotel, sentar à mesa e conversar", disse Fernando Henrique.

"Se houve intolerância não foi da nossa parte", reagiu o presidente, ao se revelar desinformado sobre a violência policial. O presidente contemporizou, entretanto, com o esquema montado para evitar que os grupos mais radicais de manifestantes impedissem a realização do evento. "Não estou informado. Mas a democracia exige respeito a qualquer manifestação. Uma questão é a liberdade de manifestação e a outra é a tentativa de impedir uma manifestação. A provocação é sempre repelida pela democracia porque abre a porta para o fascismo. E eu venho de lutas democráticas e não estou de acordo com isso. Se houve tentativa de evitar deslocamentos, foi para evitar que esses deslocamentos tivessem como consequência impedir outras manifestações livres e respeitáveis", comentou Fernando Henrique.



Muller disse que a Cimi terá que provar a suspeita de espionagem telefônica na Conferência

### Cimi acusa PM de grampo

JAILTON DE CARVALHO  
 Enviado Especial

PORTO SEGURO - O vice-presidente do Conselho Missionário Indígenista (Cimi), Saulo Feitosa, acusou ontem o comando da Polícia Militar, em Porto Seguro, de grampear os telefones da sede do comitê do movimento Brasil: Outros 500, em Santa Cruz de Cabrália. Segundo Saulo, a PM monitorou ilegalmente reuniões e conversas reservadas do Cimi e da Conferência dos Povos e Organizações Indígenas para enfraquecer o protesto dos índios, negros, sindicalistas e estudantes. A repressão da PM deixou 65 feridos, entre manifestantes e índios.

Feitosa justificou a acusação com base em indícios. "Os telefones ficavam mudos de repente e muitas de nossas conversas se tornaram públicas", disse. O missionário acusou a PM, ainda, de fornecer rádios

transmissores a pataxós de Coroa Vermelha, responsáveis pela segurança da conferência. Esses equipamentos, segundo ele, complementavam a espionagem. "Estamos estudando as medidas cabíveis contra estes abusos", afirmou. O comandante da operação da PM, coronel Wellington Muller, negou o grampo. "Se o Cimi diz, terá que provar. Também posso falar que grampearam meu telefone", rebateu, sustentando ainda que não forneceu os rádios. "Foram emprestados por um funcionário da Funai", disse.

Rádio - Os rádios foram usados pelos pataxós, considerado um grupo ligado ao governo, na conferência. No último dia da reunião, sábado, eles proibiram a imprensa de cobrir o encontro. Com portões fechados, os índios avaliavam a ação da PM na violenta repressão à passeata e quando souberam que os jornalistas estavam barrados, grande parte

abandonou o encontro. "Não acredito que irmãos estejam do lado de inimigos", disse o cacique Ailson Trucá. Segundo ele, por orientação da PM, os funcionários do Cimi também foram expulsos. O ação com bombas e cassetetes da PM baiana será examinada na 28ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que começa quarta-feira, em Coroa Vermelha. Os índios também pedirão que o procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, entre no caso.

Moradores e turistas também criticaram a decisão dos organizadores do dos festejos em Porto Seguro de restringir o acesso à festa, em uma praça cercada com tábuas na qual só convidados puderam entrar. "Foi um desrespeito. Vim de longe e me disseram que não podia entrar", afirmou o turista mineiro Silvestre Costa, 22 anos.

### "Uma ação normal"

BRASÍLIA - A ação da Polícia Militar baiana, que reprimiu com bombas de gás, balas de borracha e cassetetes a passeata do movimento Brasil: Outros 500 deixou boa parte dos índios que participavam da manifestação, abatidos. "O aniversário dos 500 anos não foi uma coisa muito boa para nós", disse Maracaté Pataxó, um dos índios de Coroa Vermelha que, ao contrário da maioria dos colegas da Conferência dos Povos e Nações Indígenas, era favorável ao encontro com o presidente Fernando Henrique Cardoso. "Não sei porque fizeram isso. A gente só estava indo entregar o documento ao presidente", acrescentou.

A atuação da polícia surpreendeu índios, negros, sindicalistas, estudantes e parlamentares que participavam da caminhada, que começou em Coroa Vermelha e deveria terminar na praça das Pitanguei-

ras, em Porto Seguro. Menos de 500 metros depois do ponto de partida da marcha, a tropa de choque da PM bloqueou a pista e começou a lançar bombas de gás lacrimogêneo e atirar com balas de borracha contra a multidão liderada por 20 caciques. "Democracia é o c...", gritavam alguns soldados, marchando sobre os manifestantes, que se dispersavam pelos matagais. O comandante da operação, coronel Wellington Muller, negou que houve excesso. "Foi uma ação normal, baseada nos nossos manuais. Não houve mortos ou feridos graves", minimizou o coronel.

"Foi assim que Cabral (Pedro Álvares) fez quando os portugueses chegaram aqui em 1500. Agora pude, mais uma vez, sentir de perto a dor de nossos antepassados", afirmou Nailton Pataxó, um dos líderes mais respeitados da conferência.

### "Não me cabe desautorizar tiro"

PORTO SEGURO, BA - O chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, general Alberto Cardoso, considera que os confrontos entre polícia e manifestantes, sábado, durante os festejos dos 500 Anos de Descobrimento, foram resultado de "ações preventivas e não violentas", necessárias para "impedir que as comemorações fossem deslustradas". De acordo com o general, não cabia a ele, mas à polícia baiana, "autorizar ou desautorizar tiro". "Estive só trazendo apoio para a segurança da festa", disse, confirmando a detenção de 150 ou 151 pessoas e ferimentos em um índio. À noite, pouco depois dos confrontos, o general já assistia, no Centro Histórico de Porto Seguro, ao show pirotécnico comemorativo dos 500 anos.

PRISÕES: "Foi detenção e não prisão. Mas ainda não temos os

números oficiais. O fato de prender alguém pode ser visto por uma outra faceta. Prender para evitar a violência. É outra maneira de encarar. Eles foram detidos e imediatamente soltos."

SEGURANÇA DO PRESIDENTE: "Não houve ameaça à segurança do presidente. A polícia foi empregada para impedir que manifestações viessem perturbar as comemorações do aniversário da descoberta do Brasil."

CERCO: "Discordo que a cidade tenha ficado sitiada. O que houve foi um bloqueio na estrada, para fazer uma triagem, e isso retarda o avanço dos ônibus. Não houve sítio à cidade. Pior teria sido se nós tivéssemos tumultos e confrontações violentas dentro da cidade."

MEDO: "Ninguém está com medo. Nosso cuidado era impedir que as comemorações do ani-

versário fossem deslustradas. Essa Praça de Pitangueiras foi onde, em 1996, quando foi lançado o projeto de comemoração dos 500 anos, pessoas ameaçaram o presidente fisicamente. E quem não aprende com a experiência corre o risco de repetir o erro."

PREVENÇÃO: "Há todo um envolvimento das comemorações dos 500 anos - não apenas da Presidência da República, como dos encarregados dessas comemorações -, para não transformar as celebrações em motivo de bagunça e tumulto. As ações foram preventivas, não foram ações violentas por iniciativa da polícia. Foram ações com a energia adequada para conter quem tentava romper o bloqueio."

PAPEL DA POLÍCIA: "Foi uma ação adequada. Mas o número de presos deve ter ficado entre 150 e 151, conforme a própria

imprensa. Mas são detenções preventivas. Muitos se excedem e desacatam a autoridade, e acabam detidos até se acalmar. Depois são liberados, lógico."

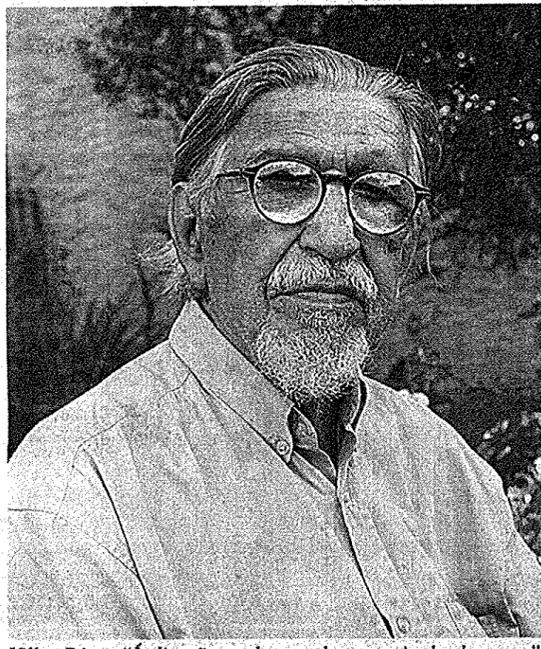
FERIDOS: "Só tenho notícia de um ferido, um índio que teria sido atacado por um representante do movimento negro."

ARMA DE FOGO: "A notícia que eu tenho é a que foi empregada granada de gás lacrimogêneo para evitar confrontação. Não sei de tiro. Não me caberia autorizar ou desautorizar tiro. Estive só trazendo apoio para a segurança da festa."

LEVANTAMENTO: "Sempre é feito um levantamento das ocorrências depois de cada evento como esse."

EFETIVO POLICIAL: "A polícia esteve com algo em torno de 2 mil homens."

Helvio Romero - 01/02/2000



Villas Bôas: "Índio não conhece a democracia dos brancos"

### "É preciso pedir perdão"

RENATA GIRALDI

BRASÍLIA - O sertanista Orlando Villas Bôas, que há 56 anos se dedica à causa indígena, afirmou ontem que o presidente Fernando Henrique deveria pedir perdão aos índios pelos conflitos na região de Porto Seguro. "O presidente deveria ir a público dizer: 'Índios, perdoem-me. Essa polícia é descontrolada'", sugeriu ele o texto. "Fiquei chocado com o que vi e li", disse. "É difícil acreditar que um homem culto como o presidente, que sabe que a sociedade indígena respeita valores diferentes dos dos brancos, possa ter autorizado a agressão."

Para o sertanista, a ação da polícia mostrou a contradição entre o discurso de respeito à democracia e a realidade. "O chamado sistema democrático foi instituído pelos brancos, a sociedade indígena não tem de respeitar." Villas Bôas de-

fende a obediência dos índios a seu próprio conjunto de normas, sua história e cultura. "Eles não têm obrigação alguma de conhecer as regras da sociedade branca."

E perguntou: "Que democracia mais violenta é essa?" Mostrando indignação, Villas Bôas lembrou que se estivesse em vigor o novo Estatuto do Índio, que reduz a tutela do Estado sobre os povos indígenas, as consequências poderiam ter sido mais graves. "O fim dessa proteção pode agravar a situação desses povos."

Ao saber que índios do Alto Xingu, onde trabalhou nos anos 50 e 60, fariam homenagem ao presidente Fernando Henrique, mesmo após o conflito em Porto Seguro, o sertanista criticou as ONGs de áreas indígenas. "Os índios nem sabem que podem homenagear autoridade", resumiu. "Temo muito essas forças estranhas que atuam por trás das ONGs."